

O ORIENTADOR EDUCACIONAL ELECANDO AS TICs COMO ELO NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA

Sirlei de Fátima Maciel Lopes
sfmlopes@yahoo.com.br

RESUMO

O compromisso do Orientador Educacional com os que fazem parte dos segmentos da escola esta ligada pela sua função interativa, na investigação de dados que servirão de suporte no planejamento de ações que contribuam para o sucesso do processo ensino-aprendizagem. Diante disso, este artigo procura evidenciar o papel do Orientador Educacional como um incentivador do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), como recurso pedagógico da escola, sem deixar de lado a contextualização quanto a sua pedagogização, para que a aprendizagem construída pelos seus envolvidos seja de qualidade. Como metodologias foram utilizadas as pesquisas bibliográficas e exploratórias, tendo como instrumento de pesquisa a entrevista com quatro pessoas que desempenham a função de Orientador Educacional sob a abrangência da 23ª Coordenadoria Estadual de Educação, situada no Município de Vacaria no Estado do Rio Grande do Sul. Através das entrevistas foi possível perceber que o Orientador Educacional assume a função burocrática no setor de Supervisão Escolar, ficando em segundo plano a função pedagógica pelo fato, na realidade, de não existir esta função específica nas Escolas ficando todo desempenho sob a responsabilidade da Supervisão Pedagógica que conta com um número reduzido de recurso humano neste setor. Ficou implícita nas falas dos Orientadores Educacionais a necessidade de representar aos professores uma espécie de “autoajuda”.

Palavras-Chave: Orientador Educacional, Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), Pedagogização, Qualidade, Escola, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Discussões em torno do Orientador Educacional são recorrentes em estudos e pesquisas educacionais. Novas perspectivas enfatizam o Orientador Educacional como aquele que faz parte da Equipe de Gestão Escolar e coletará dado, planejará ações e metas, orientará e coordenará propostas educacionais que levem para a qualidade da aprendizagem.

Na atualidade, as tecnologias de informação e comunicação possuem poder e eficiência na produção de cultura através de uma metodologia pedagógica que exerce um papel diferenciado na educação escolar. Assim, produz novas formas de linguagem e cultura, fazendo emergir no campo social um conhecimento de senso comum desprovido de análise e seleção pelo ser humano das informações a ele disponibilizadas.

Diante disto, a temática deste artigo: O Orientador Educacional elencando as TICs como elo na construção da aprendizagem na escola tem como objetivo principal, investigar e refletir criticamente sobre o papel do Orientador Educacional frente às Tecnologias da Informação e Comunicação como recurso pedagógico para incentivar o seu uso de forma correta na promoção da aprendizagem com qualidade.

A importância deste trabalho reside na motivação para o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, concomitando com a necessidade do Orientador Educacional ajudar a promover uma aprendizagem que realize análises críticas das novas linguagens e comportamentos produzidos pela indústria midiática.

Estudos realizados por Fischer e Kellner demonstram as formas de subjetivação da mídia e, a importância dos professores utilizarem os recursos tecnológicos existentes na escola, e, em realizar na prática docente, leituras das linguagens midiáticas desde o início do processo de alfabetização. Contudo levar os recursos Tecnológicos para o contexto da escola e da sala de aula requer pesquisas e estudos, dos quais o Orientador Educacional precisa assumir o papel de elaborador, colaborador, coordenador e mediador de aprendizagem ajudando-os na sua utilização de forma que venham ajudar na concretização dos objetivos a que se propõe.

Este é um assunto que não pretende se esgotar, pois novas leituras e pesquisas surgem e permitem novos conhecimentos para que as equipes diretivas e pedagógicas juntamente com seus professores realizem um processo contínuo de busca, que resulte na qualidade da aprendizagem a que se propõe.

Assim, este artigo apresenta primeiramente o conhecimento produzido sobre as tecnologias da informação e comunicação existentes na escola e, suas formas de pedagogização, posteriormente serão abordadas a metodologia utilizada para a pesquisa. Ainda, disponibilizará os resultados obtidos através das entrevistas com quatro Orientadores Educacionais de escolas públicas do Estado do Rio Grande do Sul no Município de Vacaria. Por fim, apresenta uma síntese dos pontos relevantes da pesquisa, onde foi observada a necessidade do Orientador Educacional elaborar, colaborar orientar e coordenar ações, junto à comunidade escolar, em especial aos professores, incentivando para o uso das tecnologias existentes na escola, mas que ao mesmo tempo contextualizem a prática para que os alunos possam analisar criticamente e selecionar as informações que lhes chegam diariamente sem deixar que estas afetem seus comportamentos, modos de vida e opinião própria a respeito do assunto.

Revisão teórica

A sociedade contemporânea vive sob um espaço e tempo permeado pela crescente transformação possibilitada pelas descobertas constantes das ciências tecnológicas. Estas mutações não só influenciam, mas modificam o comportamento do ser humano.

Seguindo este viés, as tecnologias passam também a influenciar os aspectos sociais, econômicos e políticos, exigindo novas formas de gerir nos sistemas de ensino. Isto faz com que não só o professor reveja seus conceitos metodológicos e de aprendizagem, como também se tenha na equipe gestora um Orientador Educacional para elaborar, orientar, colaborador, coordenador, e mediador ações, junto aos

professores, que visem à aprendizagem vinculada à análise, compreensão e apropriação correta dos recursos tecnológicos da área da informação e comunicação na prática interativa educacional.

A indústria da mídia por sua vez exige dos sujeitos nem tanto capacidade de análises e pensamento, mas que principalmente estes sejam capazes de criar e de consumir. Havendo assim, uma pedagogização da mídia, ou seja, ela exerce um poder de “educação” sobre os sujeitos. Conforme Fischer¹ “[...] os meios de informação e comunicação constroem significados e atuam decisivamente na formação dos sujeitos sociais”.

Apesar dos dispositivos de pedagogização lançados pelas tecnologias, principalmente a Televisão e Internet, não cabe à escola negá-las, pois isto levará a resistências por parte dos alunos, mas, cabe ao Orientador Educacional junto a equipe pedagógica, organizar espaços e trazer para as escolas os dispositivos das tecnologias da informação e da comunicação que são disponibilizados aos usuários, além de organizar estudos e pesquisas junto ao corpo docente, procurando com isso orientá-los proporcionando condições para que os envolvidos saibam refletir, selecionar informações, interpretar e construir conhecimento como forma de:

repensar a mídia e as imagens que ela coloca em circulação como uma forma de “aprendizagem”. Isto significa lançar novos olhares para as reportagens publicadas diariamente [...], no sentido de serem compreendidas como uma construção histórica e social que, na maioria das vezes é simplesmente aceita como a priori, como natural e sem possibilidades de questionamentos².

A necessidade de incluir no ambiente escolar os meios de informação e informação é imprescindível. Entretanto, a influência da mídia sobre os sujeitos na promoção de culturas parece empobrecer a capacidade de pensar e analisar as questões e dispositivos postos pela mesma em prol do consumismo como uma nova forma de se fazer cultura.

1 FISCHER, Rosa M. B. O Estatuto Pedagógico da Mídia: questões e análises. In: Revista Educação e Realidade. Jul/dez. 1997, Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1997, p. 60.

2 SCHIMIDT, Saraí. A educação em tempos de globalização. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 62.

Sendo assim, aqui entra a função do Orientador Educacional frente à era tecnológica, questionar-se e promover discussão entre o corpo docente de como a escola em seu meio pedagógico e educacional pode utilizar-se das tecnologias da informação e comunicação na leitura de imagem, áudio, escrita, entre outras possibilidades para a realização de:

[...] um trabalho de leitura dos acontecimentos sociais e suas inúmeras versões, tal como aparecem nos meios de comunicação, acompanhado de uma operação cotidiana de ultrapassagem dessas versões do senso comum e da opinião pública, em direção ao pensamento científico, à subversão de um raciocínio absolutamente apoiado na lógica do mercado e, principalmente, à criação de espaços em que crianças e adolescentes possam encontrar referência suficiente para aprender a organizar, selecionar e hierarquizar o imenso volume de informações, dados, imagens, sons e opiniões que recebem todos os dias³.

Neste contexto, o Orientador Educacional, na sua função, assume fundamental importância para o andamento do trabalho pedagógico, mas precisa ter apoio de todos os setores da escola. Porém, encontra-se ainda nas escolas um sistema arcaico de gestão, onde se desvincula a gestão administrativa da pedagógica, e ainda, respectivamente uma desempenha um papel hierárquico suprimindo a outra. No entanto, as duas formas de gestão deveriam andar juntas, estando o administrativo a serviço do pedagógico, oferecendo suporte e ambiente favorável à aprendizagem oferecida.

Assim Almeida⁴ (2002) acrescenta que:

a superação da dicotomia entre o pedagógico e o técnico-administrativo, instalada na cultura escolar, encontra eco em concepções educacionais que enfatizam o trabalho em equipe, a gestão de lideranças e a concepção e o desenvolvimento do projeto político-pedagógico da escola tendo em vista a escola como organização viva que aprende empregando todos os recursos disponíveis.

3 FISCHER, Rosa M. B. Educação, subjetividade e cultura nos espaços midiáticos. Disponível em: www.midiativa.org.br, acesso em 02 de Abril de 2012.

4 ALMEIDA, Maria. Gestão de tecnologias na escola. Disponível no site: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/te/tetxt1.htmMaria>, acesso em 03 de Abril de 2012.

O trabalho em equipe, tendo o Orientador Educacional como articulador e incentivador de estudos e pesquisas é “um dos aspectos fundamentais da preparação dos professores para o uso dos diferentes meios de comunicação, [...]”⁵.

Em estudos realizados por Kellner⁶ observou-se que através do papel pedagógico da mídia é possível entender a cultura na sociedade contemporânea. Ainda, por meio dos artefatos midiáticos, como a televisão, Internet, jornais e cinema são possíveis perceber as relações que estão aí imbricadas como relações de gênero, preconceitos, racismo muitas vezes implícitas, bem como, as relações sociais privilegiadas por estes meios de informação e comunicação, dos quais recortam de suas imagens e falas os contrastes e discriminações sociais.

Em estudos realizados por Louro⁷, sobre as relações de gênero, a autora destaca que a mídia, a escola e a igreja, entre outras instituições, tanto podem rejeitar como valorizar grupos e sujeitos. Contribui ainda seus estudos ao destacar que “a escola costuma ser uma instituição muito fechada. No entanto, é uma ilusão imaginar que tudo o que circula pela sociedade mais ampla não esta também presente na escola”.

Uma escola de qualidade não depende somente de qualificação de seus professores, mas também de gestores responsáveis e comprometidos. Neste sentido, o Orientador Educacional, como membro da equipe gestora é aquele que pensa a escola, a educação e a aprendizagem junto com o corpo docente e discente, e, os orienta neste percurso.

A escola não pode negar a influência das tecnologias da informação e comunicação no comportamento dos alunos ou dos próprios profissionais da educação,

5 FISCHER, Op. Cit, 1997, p. 62.

6 KELLNER, Douglas. Lendo Imagens Criticamente: Em Direção a uma Pedagogia Pós- Moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.) Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2002.

7 LOURO, Guacira L. Sexualidade e gênero na escola. In. SCHIMIDT, Saraí. A educação em tempos de globalização. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 73.

enfim de toda comunidade escolar. Dentre isto Fischer⁸, argumenta que a instituição escolar precisa ensinar seus alunos a escreverem numa linguagem da própria mídia. Descreve ainda a autora que ao se ler nela, ao invés de só nela se saber ler, torna a leitura mais eficaz, no qual este exercício é fundamental desde o início do processo de alfabetização, onde a criança possa experimentar suas possibilidades de escrever nas mídias, através de ações que envolvam jornais, vídeos, Internet, entre outros.

Percebe-se que desde o início do percurso educativo de uma criança que a leitura da linguagem midiática está presente. E é também por isto, que o Orientador Educacional além de buscar recursos para oferecer ambientes favoráveis à aprendizagem, necessita intervir neste processo construtivo para que desde cedo o aluno pesquise, busque, selecione, compare informações, aprenda e crie do que simplesmente aprenda a reproduzir. A interferência do Orientador Educacional junto a seus envolvidos tem a função de qualificar este trabalho porque levanta questões, faz perguntas que levam a reflexão e a defesa do seu ponto de vista.

Contudo, sabe-se que a primeira ação para a escola desenvolver uma educação de qualidade e significado é a construção do Projeto Pedagógico da escola, de forma participativa e coletiva. No desenvolvimento deste é que os profissionais da escola conhecerão os desafios e problemáticas daquele contexto social e escolar, os quais deverão ser contextualizados e relacionados com contextos globais.

Afirma Gadotti citado por Veiga⁹ que:

Todo projeto supõe ruptura com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma estabilidade em função de promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa

8 FISCHER, Rosa B. Uma agenda para debates sobre mídia e educação. In. SCHIMIDT, Saraí. **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

9 VEIGA. I. P. A. (org.). **Projeto Político-pedagógico da Escola**: uma construção possível. 23ª ed. Campinas/SP: Papyrus, 2001, p. 18.

frente determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores.

Nesta sociedade contemporânea, para a escola romper com o fracasso escolar e aprendizagens desvinculadas de análises, a elaboração do projeto pedagógico de forma participativa constitui-se para escola e seus segmentos numa abertura do rompimento de paradigmas que perpetuam o trabalho pedagógico, e fazem com que a escola finja não ver, ou silenciar sobre a forma de produção de cultura pela mídia.

Kellner¹⁰ discute, por exemplo, como “a publicidade ensina uma visão de mundo, valores e quais comportamentos são socialmente aceitáveis e quais são inaceitáveis”. Enfatiza ainda, este autor que:

revolução tecnológica centraliza-se no computador, na informação, na comunicação e nas tecnologias multimídias; é frequentemente interpretada como o primeiro estágio de uma sociedade do conhecimento ou da informação e tudo isto atribui à educação um papel central em todos os aspectos da vida. Esta “grande transformação” coloca tremendos desafios aos educadores forçando-os a repensar seus princípios básicos, a desenvolver novas tecnologias de maneiras criativas e produtivas e a reestruturar a escolarização para que esta possa responder de maneira construtiva e progressista às mudanças tecnológicas e sociais que agora experimentamos¹¹.

Se por um lado a indústria da mídia cria dispositivos metodológicos e pedagógicos que homogeneízam a cultura e o conhecimento, por outro, a escola precisa compreender estas relações, analisar e permitir que os alunos reflitam sobre estas questões. No entanto, para o desenvolvimento do processo pedagógico e didático-metodológico os envolvidos com a educação precisam projetar estudos e pesquisas que os permitam levar isto para dentro das salas de aula.

Porém, para que no contexto da escola sejam inseridas as linguagens da mídia, com propósitos educativos, contribuindo para a autonomia, criatividade e criticidade do

10 KELLNER, Op. Cit, 2002, p. 112.

11 KELLNER, Douglas. *A Cultura da mídia*. Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001, p. 6.

pensamento, o Orientador Educacional precisa estar presente e comprometido, alicerçando os professores na elaboração de planejamentos, abrindo espaços para o diálogo procurando não silenciar sobre os acontecimentos sociais e culturais, ocorridos dentro e fora de seu espaço.

A pedagogia presente nas escolas se diferencia da pedagogia midiática quando envolve a construção do conhecimento e não a superficialidade de informações, quando é necessário pensar e criar, não baseada em opiniões do senso comum, pois, a escola é um espaço para a construção e sistematização do conhecimento popular, científico, artístico e filosófico.

No que se refere ao problema da pedagogização da mídia Fischer¹² afirma que estamos vivendo “[...] o deslocamento de algumas funções básicas, como a política e a pedagogia, que gradualmente deixam seus lugares de origem [...] para serem exercidas de outro modo, através da ação permanente dos meios de comunicação”. Neste sentido Kellner¹³ acrescenta que “[...] as novas tecnologias estão alterando todos os aspectos de nossa sociedade e cultura e precisamos compreendê-las e utilizá-las tanto para entender quanto para transformar nossos mundos”.

Entretanto, para que os alunos desenvolvem na escola o espírito crítico e criativo bem como a capacidade de argumentar, questionar e apontar problemas, este é um percurso, anteriormente já enfatizado, que tem seu início nas primeiras fases da alfabetização. A escola precisa ser um ambiente estimulador destas atitudes.

Para que mudanças ocorram no espaço escolar, a relação entre teoria e prática se faz necessária. Esta relação permite a comunidade escolar questionar, analisar, refletir, pensar e agir, levantando problemáticas postas pela pedagogização da mídia na construção de valores, hábitos e cultura; na aquisição de emoções e sentimentos, e, na

12 FISCHER, Op. Cit, 1997, p. 61-62

13 KELLNER, Douglas. **Marxismo e a Supervia da Informação**. Disponível em <http://www.gseis.ucla.edu/courses/ed253a/dk/MARINFO.htm>, acesso em 02 de Abril de 2012.

prática de atitudes e escolhas. Com isto, não se pretende negar a influência das tecnologias da informação e da comunicação, mas questionar sobre as “verdades” que ela impõe para a vida dos sujeitos.

De acordo com Kellner¹⁴,

a cultura da mídia pode constituir um entrave para a democracia quando reproduz discursos, promove o racismo, o preconceito de sexo, idade, classe e outros, mas também pode propiciar o avanço dos interesses dos grupos oprimidos quando ataca coisas como as formas de segregação racial ou sexual, ou quando, pelo menos, as enfraquece com representações mais positivas de raça e sexo.

Fischer¹⁵ em argumentação a declaração de Pierre Lévy, quando este afirma que os adultos que se constituíram na palavra escrita, podem se tornar verdadeiros dinossauros e faz uma afirmação, da qual os profissionais precisam estar atentos. Diz a autora:

Concordo, mas deve-se problematizar essa afirmação de Lévy. Se o adulto em questão se formou, por exemplo, através da leitura de Shakespeare, de Machado de Assis, de Graciliano Ramos ou de Fernando Pessoa, será que aprendeu apenas a linearidade da escrita? Que relação tem as “imagens” elaboradas por esses autores em seus romances, dramas e poemas, com as imagens que povoam os jornais, a televisão e o cinema [...].

Estas colocações feitas por Fischer são fundamentais para que se possa fazer uma análise sobre a construção do conhecimento através das tecnologias da informação e comunicação, e, abre espaço para que possam ser revistas as práticas exercidas no contexto da escola, no qual os meios de informação e comunicação deverão ser abordados, com fins educacionais em sala de aula, e no cotidiano da escola.

Levar para a sala de aula as linguagens das tecnologias de informação e comunicação, não requer um trabalho à parte do que o professor já vem trabalhando, mas, na própria discussão de temas abordados, poderão ser utilizadas, imagens, sons,

14 KELLNER, Op. Cit. 2001, p. 13.

15 FISCHER, Op. Cit. 2001, p. 54-55.

falas, escritas como um recurso didático para análise e reflexão do tema em questão, pois, a escola diante de sua função precisa questionar as verdades estabelecidas pela mídia.

Corroborando ainda, Fischer¹⁶ que:

do ponto de vista educacional, exige-se dos professores e professoras que pensem a mídia também como um espaço de formação das gerações mais novas. Ou seja, a separação entre o que é educativo e o que seria meramente um produto de diversão, de informação ou de publicidade.

Portanto, mudanças no ambiente escolar são urgentes e fundamentais, onde o Orientador Educacional precisa assumir funções de organizador e orientador no interior do espaço escolar em conjunto com professores e comunidade para estudos e pesquisa que visem novas propostas e ações objetivando compreender os dispositivos das tecnologias da informação e comunicação na promoção da construção da aprendizagem com qualidade.

Metodologia

O presente artigo teve como metodologia a revisão bibliográfica. Para Koche¹⁷, “a pesquisa bibliográfica é a que se desenvolve tentando explicar um problema, utilizando o conhecimento disponível a partir de teorias já publicadas em livros [...]”. Assim, através dessa pesquisa foi abordado, na área de educação, o conhecimento disponível, identificando e analisando as teorias existentes, na tentativa de expor o melhor entendimento do tema a ser discutido.

16 Id. Ibid. p. 56.

17 KOICHE, José C. Fundamentos de Metodologia Científica. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 122.

Do posto de vista do objetivo deste trabalho utilizou-se à pesquisa exploratória por esta proporcionar maior familiaridade com o problema, visando torná-lo explícito. A pesquisa exploratória envolve levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, possibilitando a análise de exemplos que estimulem a compreensão.

A pesquisa bibliográfica auxilia o pesquisador a aprofundar os estudos também referentes ao contexto analisado na pesquisa exploratória, isto é, a investigação feita através de entrevistas com professoras da Supervisão Escolar que desempenham a função de Orientador Educacional de quatro escolas estaduais do Estado do Rio Grande do Sul, de abrangência de 23ª Coordenadoria Estadual de Educação, situada na cidade de Vacaria.

Para a abordagem do problema e o tratamento da coleta dos dados foi utilizada a pesquisa qualitativa, da qual favorece a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados.

A produção teórica ocupa um lugar de destaque na epistemologia qualitativa, o que diferencia as investigações qualitativas fundamentadas em perspectiva epistemológica das investigações qualitativas inspiradas em critérios positivistas.

Através dos pressupostos acima apontados, se pretendeu aprofundar estudos sobre a atuação e papel do Orientador Educacional na interação com a comunidade escolar através da utilização das tecnologias da informação e comunicação, incentivando seu uso, ao mesmo tempo em que faz um alerta para a contextualização da pedagogização produzidas pelas mesmas.

Resultados

Os resultados deste estudo apresentam as definições retratadas por Orientadores Educacionais na sua atuação interativa com a comunidade escolar através da utilização das tecnologias da informação e comunicação e pedagogização produzidas pelas mesmas. Para análise foi utilizada a fala de quatro Orientadores Educacionais

entrevistados, tendo como intuito evidenciar as suas percepções frente suas funções no ambiente da escola.

Partindo dos pressupostos acima, quando perguntado aos professores, como a escola trabalha às questões relacionadas às tecnologias da informação e comunicação, três Orientadores Educacionais destacaram que *“procuram desenvolver um trabalho de análise e reflexão com os seus envolvidos sobre o que está sendo divulgado, demonstrando os aspectos positivos e negativos da mídia”*. Entretanto para o outro Orientador Educacional, a escola em que realiza suas atividades trabalha com as tecnologias da informação e comunicação *“como fonte de informação, pesquisa, entretenimento e culturas diversas sem contextualização”*.

Para Fischer¹⁸ a cultura produzida pela mídia e seus programas de entretenimento e informações determinam regras e normas de convivência das quais não são analisadas e selecionadas pelos sujeitos. Assim,

longe do entendimento das lutas políticas, das lutas de classe, dos problemas econômicos do país, vamos aprendendo que a informação valorizada, o dado que efetivamente interessa é aquele que nos diz como e com quem se relacionam amorosa ou sexualmente às pessoas, de que modo cuidam do corpo, como conseguem permanecer tão bonitos e tão em forma, que opções sexuais fazem que doenças enfrentam ou enfrentaram, se tem filhos ou não, quem é seu pai ou mãe, como se alimentam [...].

Diante dos dispositivos lançados pela indústria tecnológica Kellner¹⁹ argumenta que a escola precisa alfabetizar os sujeitos que nela se encontram para uma leitura crítica da mídia. Sendo que para este autor, *“a alfabetização midiática, envolve o desenvolvimento de concepções interpretativas e críticas”*. Observa-se que para Kellner o processo de leitura crítica da mídia requer um engajamento *“no levantamento e*

18 FISCHER, Rosa M. B. Mídia e produção de sentidos: A adolescência em discurso. In: SILVA, Luiz Heron da (org.) **A escola cidadão no contexto da globalização**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998, p. 427.

19 KELLNER, Op. Cit., 2001, p. 17.

avaliação de textos midiáticos é particularmente desafiador e abarca uma discussão cuidadosa de critérios críticos especificamente morais, pedagógicos, políticos ou estéticos²⁰.

Nesse viés do qual ressalta Kellner da necessidade criteriosa e crítica da moral, pedagogia, política e estética o Projeto Pedagógico é um espaço e momento de construção da aprendizagem. O seu conhecimento por parte do professor resultará nas diretrizes que permearão o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Em entrevista sobre como é o desenvolvimento do Projeto Pedagógico da escola, os Orientadores Educacionais destacaram que é construído com a participação dos profissionais da educação e comunidade escolar em geral. No entanto, não destacam como esta construção coletiva é desenvolvida na prática docente e discente, isto é, como o Projeto Pedagógico reflete em sala de aula. Ainda, nota-se que a elaboração de tal Projeto é considerada como um instrumento norteador das práticas da escola e da aprendizagem desprovida de uma análise ampla e crítica da sociedade, da política, da economia, da educação e da mídia.

Percebe-se que os Projetos Pedagógicos, pelo que foi citado pelos Orientadores Educacionais existem uma homogeneização, onde não há as singularidades e peculiaridades de cada escola, sendo destacado que sujeitos se pretendem formar, formas de avaliação, construção curricular e um silenciamento das relações que envolvem a formação de tais sujeitos.

No que se refere à função do Orientador Educacional destacam-se os comentários obtidos na entrevista com os quatro envolvidos:

A função do Orientador Educacional é desenvolver um trabalho democrático, aberto, de responsabilidade, e transparente visando estabelecer um clima de bem estar e harmonia entre todos, em que cada um seja valorizado e sinta-se responsabilizado pelo bom desempenho de sua função.

20 Id. Ibid., p. 17.

É orientar, ouvir, coordenar e elaborar projetos, seminários, estudos, para que a escola tenha um bom convívio e desempenho na sua função de Educar.

O Orientador Educacional tem a função de orientar e coordenar todo o funcionamento pedagógico da escola auxiliando no que for necessário”.

Articular as diversas ações da escola.

Outro aspecto analisado foi se a escola realiza estudos e pesquisas entre os professores com a orientação e coordenação dos Orientadores Educacionais, onde os quatro entrevistados destacaram:

“Sim, mensalmente”.

“Sim, são realizadas reuniões pedagógicas, formação, com temas que envolvam o trabalho do professor”.

“Sim, nas formações e reuniões”.

“Sim, na escola realizam-se estudos, pesquisas, e encontros semanais, principalmente por ser a escola uma provedora de gestão democrática e participativa”.

Sobre a disponibilidade de recursos tecnológicos na escola e na sala de aula ocorreram as seguintes respostas:

“Sala de Computação. Há um horário por disciplina. Cada disciplina num mês. Auxilia no desenvolvimento da aprendizagem. De 15 em 15 dias, horário com o professor titular para trabalhar com as dificuldades”.

“Televisão, rádio, Internet, sempre disponíveis para auxiliar no trabalho pedagógico”.

“A escola conta com laboratório de informática, aparelho de DVD, aparelho de som, filmadora, aparelho multimídia, máquina digital, TV, xerocadoras, que são disponibilizados para sala de aula para o desenvolvimento da práxis pedagógica”.

“DVD, Vídeo, televisão, Datashow, retroprojektor, computadores. São disponibilizados para a sala de aula incentivando a aprendizagem”.

As colocações expostas pelos Orientadores Educacionais são passíveis de análises para que se possa perceber e compreender como o Orientador Educacional percebe sua função no espaço escolar como agente colaborador do processo educativo,

juntamente com os professores e toda comunidade escolar. Analisar as falas dos entrevistados exige a leitura do que está evidente, explícito, mas também lê aquilo que é implícito ou o que foi deixado como subentendido.

CONCLUSÃO

Ao influenciar o comportamento humano as tecnologias da informação e da comunicação ditam normas, regras de convivência, e maneiras de pensar e de agir, fazendo com que os sujeitos a aceitem a priori, isto é, sem que seja analisada sua influência sob o comportamento humano.

A importância do Orientador Educacional como aquele que pensa a escola em sua amplitude pedagógica, requer que este profissional, juntamente com os professores e toda comunidade escolar, realize estudos e pesquisas para que possam, além de evidenciar problemáticas, desenvolver práticas que levem os alunos a construir habilidades e competências, para aquilo que Fischer bem destacou, isto é, aprendam a organizar, selecionar e hierarquizar o imenso volume de informações, dados, imagens, sons e opiniões que recebem todos os dias e, que na maioria das vezes reproduzem estereótipos e preconceitos sociais.

Ler as linguagens utilizadas pelas tecnologias da informação e da comunicação proporcionará aos alunos uma interpretação e análise de programas e propagandas televisivas, de sites de entretenimento que produzem formas de culturas que reforça preconceitos raciais, de gênero, religiosas e que muitas vezes passam despercebidas aos olhos de quem as vê.

Ser Orientador Educacional é pensar a escola conectada ao mundo em que se vive, é não dissociar a sua função burocrática, muitas vezes necessária, com a pedagógica.

Através das entrevistas realizadas com os Orientadores Educacionais, os mesmos destacaram a sua função como sendo aqueles que orientam e coordenam ações na escola para o bom convívio entre todos os que nela estão, no entanto pensar a escola

é ir além da busca pela harmonia, é também buscar a qualidade do ensino e da aprendizagem.

Ao analisar os comentários dos Orientadores Educacionais, de forma implícita percebeu-se que um dos papéis do Orientador Educacional é apresentar ao professor uma espécie de “autoajuda”, para as dificuldades que este enfrenta em seu cotidiano não só em nível de sala de aula, mas em todos os aspectos interativos com a comunidade escolar. É indiscutível a importância do bom convívio entre os profissionais da escola, mas divergências de pensamento e idéias são comuns ao ser humano necessitando da mediação do Orientador Educacional justificando sua presença na escola de forma construtiva.

Por outro lado, o Orientador Educacional não pode delegar suas atividades somente em representar uma espécie de “autoajuda”, pois esta não é só a sua função. Apesar dos entrevistados ressaltarem que há na escola estudos e pesquisas com a orientação do Orientador Educacional, estes encontros restringe-se à motivação, reclamações sobre indisciplina, fechamento de notas, como também questões relacionadas à aprendizagem.

Esta aprendizagem na maioria das vezes vem desprovida de uma análise mais ampla, ou seja, é vista como a capacidade de ler, escrever, interpretar sem que haja um entendimento de que aprender também é saber relacionar aquilo que se aprende na escola com o meio social em que se vive. É saber analisar e refletir os fenômenos e acontecimento que acontecem na sociedade. Não bastam as escolas possuírem recursos tecnológicos se eles não são utilizados ou esteja disponibilizada em sala de aula para também ler aquilo que tais recursos permitem e/ou à mídia produz e levar ao alcance dos sujeitos.

Saber analisar e selecionar as linguagem e formas de cultura produzidas pelas tecnologias da informação e da comunicação, procurando compreender o porquê é tão sutil nas formas de produzir estereótipos e preconceitos, e ainda, o porquê de seu interesse em despender tantos esforços para ser ela, a mídia, a pedagoga produtora de

um conhecimento que valoriza a superficialidade, a construção da verdade como única e a homogeneização do ser humano, ditando modos de como ele deve, inclusive, cultivar seu corpo e se vestir.

Portanto, o Orientador Educacional possui grandes responsabilidades e compromissos para com a educação, sendo que a sua coordenação e orientação para estudos e pesquisas no interior da escola tornaram-se imprescindíveis para a qualidade do ensino e da aprendizagem. É preciso possibilitar aos alunos uma contextualização para que realize leituras das linguagens midiáticas permitindo que se possam analisar e selecionar o amontoado de informações que lhes chegam para que se construa aprendizagem com qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria. Gestão de tecnologias na escola. Disponível no site: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/te/tetxt1.htm> Maria, acesso em 03 de Abril de 2012.

LOURO, Guacira L. Sexualidade e gênero na escola. In: SCHIMIDT, Saraí. A educação em tempos de globalização. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FISCHER, Rosa M. B. O Estatuto Pedagógico da Mídia: questões e análises. In: Revista Educação e Realidade. Jul/dez. 1997, Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1997.

FISCHER, Rosa M. B. Mídia e produção de sentidos: A adolescência em discurso. In: SILVA, Luiz Heron da (org.) A escola cidadão no contexto da globalização. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

FISCHER, Rosa B. Uma agenda para debates sobre mídia e educação. In: SCHIMIDT, Saraí. A educação em tempos de globalização. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FISCHER, Rosa M. B. Educação, subjetividade e cultura nos espaços midiáticos. Disponível em: www.midiativa.org.br, acesso em 02 de Abril de 2012.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da mídia*. Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

_____. Lendo Imagens Criticamente: Em Direção a uma Pedagogia Pós- Moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.) *Alienígenas na Sala de Aula*: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Marxismo e a Supervia da Informação. Disponível em <http://www.gseis.ucla.edu/courses/ed253a/dk/MARINFO.htm>, acesso em 02 de Abril de 2012.

KOCHE, José C. Fundamentos de Metodologia Científica. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SCHIMIDT, Saraí. A educação em tempos de globalização. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VEIGA. I. P. A. (org.). Projeto Político-pedagógico da Escola: uma construção possível. 23ª ed. Campinas/SP: Papirus, 2001.

SOBRE A AUTORA

Graduada em Letras, Pós-Graduada em Tecnologias da Informação e da Comunicação na Promoção da Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pós Graduação em Gestão Escolar pelo Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai (IDEAU) extensão Superação em Vacaria - RS, aluna da Pós-Graduação em Orientação Educacional pelo Centro Sul - Brasileiro de Pesquisa Extensão e Pós-Graduação (CENSUPEG), Professora do Governo do Estado Rio Grande do Sul, Vacaria - RS.

ANEXO 1

Roteiro para entrevista com Orientador Educacional

1 – Defina Tecnologias da informação e da comunicação e diga como é percebida na escola:

2 – Como a escola trabalha às questões relacionadas às tecnologias da informação e da comunicação?

3 - Que recursos tecnológicos a escola possui? Eles estão disponibilizados para sala de aula para o desenvolvimento da práxis pedagógica?

4 – Como é desenvolvido o Projeto Pedagógico da escola?

5 – Qual a função do Orientador Educacional na sua escola?

6 – Na escola são realizados estudos e pesquisas entre professores com a orientação e coordenação do Orientador Educacional?
